

14758 - Educação em Agroecologia; Questões para convivência no semiárido

Education in Agroecology: Issues for coexistence in semiarid

VASCONCELOS, Gilvânia de Oliveira Silva de

Universidade Federal Rural de Pernambuco, gilvania.ov@hotmail.com

Resumo: As desigualdades socioeconômicas no semiárido é uma chaga histórica, agravadas pelas freqüentes ciclos da seca. Aliado aos jogos de interesses particulares das oligarquias locais que se beneficiam manipulando as políticas e programas de combate a seca. Devido a muitos anos de degradação ambiental na região, atualmente é necessário se modificar as ações humanas, se preocupando mais com o meio ambiente e com respeito ao próximo. Temos como objetivo principal, apresentar a região, seus problemas e algumas proposições para conviver de forma mais sustentável no semiárido. Na metodologia utilizamos dados de leituras bibliográficas e jornais de circulação regional, além da própria vivência na região. A estratégia de educação em Agroecologia para a convivência com o semiárido pressupõe novos valores e conhecer a realidade das famílias sertanejas, buscando uma produção adaptada ao meio ambiente, seguindo os princípios da Agroecologia, possibilitando uma vida digna.

Palavras-Chave: Semiárido, Educação, Agroecologia.

Abstract: Socioeconomic inequalities in the semiarid region is a historical blight, exacerbated by frequent cycles of drought. Allied to matches interests of local oligarchs who benefit by manipulating policies and programs to combat the drought. Due to many years of environmental degradation in the region, currently it is necessary to modify human actions, caring more for the environment and respect for others. Our main goal to present the region, its problems and some propositions for living more sustainably in semiarid. Methodology used in bibliographic data readings and regional newspapers, as well as their own experiences in the region. The strategy for education in sustainable coexistence with the semiarid assumes new values and know the reality of rural families, seeking a production adapted to the environment, following the principles of Agroecology, enabling a dignified life.

Key Words: Semiarid, Education, Agroecology.

Introdução

O nordeste historicamente tem sido visto como a região economicamente inferior do restante do país. Tal desigualdade é motivo de preocupação constante dos governos brasileiros e da população local, embora pouco se tenha feito para ser materializado em ações efetivas. “Durante três séculos, o nordeste, foi à região mais rica dos colonizadores Portugueses, com a exploração do pau-brasil, cana de açúcar e depois algodão” (GARCIA, 1986, p. 29), embora essa riqueza não tenha sido socializada.

O semiárido brasileiro cobre quase 11,8% do território brasileiro e com área de 969.589,4 km² (ASA, 2013), o Semiárido abrange os estados do Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e norte de Minas Gerais. Apesar da região ser considerada o semiárido mais úmido do mundo, as chuvas são bastante irregulares. Há curtos períodos de muita chuva, enquanto há longos períodos de muita seca.

A seca é um fenômeno mais socioeconômico do que meteorológico. Se tomarmos a história, vamos lembrar que os primeiros povoadores ao chegarem ao sertão levaram consigo criações e plantações de locais úmidos, ficando assim, impossibilitado de produzir dentro dos padrões anteriores, provando a incapacidade da família de compreender que precisa se adaptar sócio-economicamente a região semiárida.

Há quem afirme que esse quadro de desigualdade econômico e social está entranhado na proposta de como os governantes tem visto esta região, apenas no viés economicista – produtor de matéria prima ou mercadorias, sem se preocupar com a qualidade de vida e dignidade dos sujeitos que ali habita. Fruto disso está nas políticas governamentais de combate a seca, a região denominada pelos burocratas de polígono da seca, criando no semiárido instituições para combatê-la, com os mega projetos de açudes, barragens e irrigação, por meio do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), a Comissão de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF) (GOMES,1998 *apud* GALINDO,2008).

Está região, com sua fisiologia específica e não menos desfavorável, pode tornar-se uma área produtora de riquezas desde que **se desista de combater a seca e se passe a conviver com ela**, é apenas ter consciência de como administrar o uso racional da pouca água disponível e a utilizar lavouras e animais adequados ao clima.

Atualmente, já se sabe que esse fenômeno se repete fechando um ciclo de anos de seca a cada 9, 12 e até 26 anos, aproximadamente (GARCIA, 1986). Essa periodicidade é que leva os sertanejos a afirmarem que cada homem ou mulher tem de enfrentar uma grande seca em sua vida, mas é logo começar a chover que as famílias sertanejas se esquecem dos tempos difíceis, até chegar novamente outro período de seca.

Infelizmente as oligarquias agrárias ligadas às políticas locais e regionais, não tem interesse em promover uma mudança estrutural e educacional, pois a seca é um bom negócio, também conhecida como indústria da seca. Ela serve de moeda de troca para os cabos eleitorais e influentes políticos locais e regionais. Por isso, semiárido, deve ser visto e discutido também na educação (formal, informal e não formal) na perspectiva crítica, reflexiva e propositora de mudanças estruturais para convivência no semiárido.

São muito anos de degradação ambiental, as famílias sertanejas sem muito compreenderem o ambiente, desenvolveram queimadas, destroem extensas áreas de caatingas para produção de carvão vegetal, utilizaram irrigação pesada em solos rasos causando salinização e lixiviação da matéria orgânica, destruição da fauna, por meio de caças de animais nativos (mocó - *Kerodon rupestris*; peba - *Euphractus sexcinctus*, abelha jandaíra - [Melipona subnitida](#) e outros).

Assim, por meio desses problemas no semiárido, temos como objetivo, apresentar a região, seus problemas e algumas proposições para se pensar e conviver de forma mais sustentável no semiárido.

Metodologia

Tomamos por base a perspectiva dialética na educação, como instrumento que auxilie o(a) educando(a) a interpretação da realidade em movimento, pois está é contraditória, tornando o sujeito autônomo e crítico.

Com base nos subsídios teórico-metodológicos, a reflexão tem sua dimensão educativa construída pela prática social na perspectiva da educação popular. Tendo no materialismo dialético o método que possa nos ajudar a compreender a complexidade que se apresenta nas contradições da realidade social, sobretudo no antagonismo campo e cidade, assim compreendendo de forma mais crítica os embates na formação dos cidadãos e cidadãs para as realidades do semiárido.

Essas reflexões foram construídas por meio de leituras em clássicos, informações em jornais da região e vivências.

Resultados e discussão

A seca, no território semiárido nordestino, não é exatamente a ausência de chuvas, pois (quase) todos os anos chovem nas caatingas sertanejas. O que determina a seca é a irregularidade das precipitações pluviométricas, que conseqüentemente provoca a diminuição ou ausência de produção agropecuárias.

Se a família sertaneja não tem o hábito ou se não foram educadas a armazenar água e alimentos para os meses de escassez, não tendo o costume de preparar silos ou ferrar forragens para seu rebanho, cultivar espécies (forrageiras, alimentícias e florestais) da região, criar animais mais resistentes (caprinos ou bovinos mestiços) nos longos períodos de estiagens, assim que se instala uma grande seca, estão inteiramente despreparados para enfrentar seus efeitos.

A estratégia de educação para a convivência com o semiárido pressupõe novas condutas e valores, além de uma Assessoria Técnica diferenciada e conhecedora da realidade, seja na compreensão da realidade na qual estão inseridas as famílias sertanejas, seja na concepção da produção agropecuária adaptada ao meio ambiente, seguindo os princípios da Agroecologia, desencadeando a possibilidade de se ter uma vida digna (educação, segurança e soberania alimentar, reforma agrária, tecnologias adaptadas, saúde, organização política, etc.). Por um lado, essa realidade é considerada complexa, atravessada por várias dimensões: ambiental, política, econômica, social e cultural. Por outro lado, a possibilidade de reverter a situação adversa da realidade semiárida implicaria no desenvolvimento de estratégias de intervenção que proporcionem o engajamentos da população (GALINDO, 2008).

A proposta de educação em Agroecologia para convivência no semiárido deve ter em suas bases as práticas de uma educação libertadora, reflexiva, crítica, transformadora, buscando apoio na educação popular e dialogando com os princípios da Agroecologia, tais como:

- Ambiental – Não desmatando e preservando a caatinga; cuidando das nascentes, barreiros e cacimbas; manejar a caatinga para sustento alimentar da família, forrageiro, estaqueamento; não deixar o lixo espalhado; não plantar morro abaixo; não usar venenos e adubos químicos.

- Social – Motivar as famílias a se organizar em associações, sindicatos ou movimentos sociais; garantia de terra para trabalhar, moradia, escola, posto de saúde, estradas, iluminação elétrica e outros.
- Econômica – Comercialização dos produtos seja direto ao consumidor nas feiras livres ou para os programas sociais do governo; promover um comércio justo e solidário.
- Ética – Garantir o ambiente e seus recursos naturais (água, solo, ar) preservados, oferecer para sua família e aos consumidores(as) alimentos saudáveis; respeitar os outros e as próximas gerações.

A educação tem o papel importante para garantia dos demais direitos sociais, já afirmava Paulo Freire (1969, p. 15), “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas e essas transformam o mundo”. A informação e a formação possuem um importante papel para promover as mudanças necessárias. É por meio destas que crenças, valores e normas são adquiridos, tornando possível a vida em sociedade (SEMENTES, 2012).

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Ed paz e terra. 1969.

GALINDO, Wendam Cristina Marinho. **Intervenção rural e autonomia: a experiência da articulação no semi-árido**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

GARCIA, Carlos. **O que é nordeste brasileiro**. Brasiliense. 1986. (Coleção primeiros passos, 119).

SEMENTES, Márcia (Org.) *et. al.* **Educação em direitos humanos**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

ASA – **Articulação do Semiárido**. Disponível em<http://www.asabrasil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_MENU=105> Acesso em: 15 jul 2013.